

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

HOUND OF THE SEA © 2016 MacProof, Inc.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem
permissão por escrito do proprietário legal.

Publicado por acordo com HarperWave, uma chancela HarperCollins Editores.

Título original: *Hound Of The Sea*

Título: *Lobo do Mar*

Autor: Garrett McNamara

Tradução: Francisco Silva Pereira

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Design da capa: Gregg Kulick

Fotografia da capa: © Tó Mané

Fotografia do autor: Clark Little

Arranjo de capa edição portuguesa: Vera Braga/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-258-9

Depósito legal: 421695/17

1.ª edição: março de 2017

Índice

<i>Prólogo: O wipeout</i>	11
---------------------------------	----

PARTE I

O mestre da fuga	21
Luther Burbank	23
Uma pevide de melancia na minha pilinha	29
Mad Bob	33
Nas mãos de Deus, mais ou menos	39
Gitana	45
Tortilha e manteiga, por favor	53
<i>Skyline</i>	57
Wolf	61
A Christ Family	67
Ao vento	73
Cinco irmãos	77
Teimosos e desordeiros	87
Cement City	93
Charros	99
Perdido em Threes	105
<i>A Dreaded 7</i>	111
Furacão	115
O Carma	119
Gustavo, o peruano	123
Pipe	131

PARTE II

Profissionalização	137
Aproveitar ao máximo a invasão japonesa	143
<i>Nami Oki</i> (O surfe está a dar)	147
De olho no meu irmão	153
Acontece algo de mau	159
Caí e não consigo levantar-me	165
Calmarias	171
<i>Tow-in</i>	179
Homem de família	187
Garrett McNamara, comerciante	193

PARTE III

Plano	201
Jaws	209
Lobo do mar	221
Teahupo‘o	227
Tubo	231
A vida em terra	237
O glaciár	245
Noite encantada	253
Nazaré, meu coração	261
23,8 metros	275
Incidente em Cortes Bank	283
<i>Big Mama</i>	291
<i>Darma</i>	299
Agradecimentos	313

Prólogo

O WIPEOUT

Todos querem saber para onde vamos quando morremos. Eu tive uma antevisão. Estava na sala de estar da minha mãe em Pūpū-kea, na North Shore de O‘ahu, a falar ao telefone com o meu médico, quando as luzes se apagaram de repente. Aparentemente, caí no chão. Não houve uma caminhada em direção à luz, nenhum ponto luminoso no fim do longo túnel da vida. Aquele novo lugar era veludo negro, tranquilo e sem dor. A ausência de dor era tudo. Deixei-me ficar ali, em paz.

Depois, acordei com o meu irmão Liam a gritar o meu nome.

Duas semanas antes, um amigo meu fora à minha procura, para me contar um sonho que tivera. «A Baía estava o máximo, mano. Passaste por nós a remar e apanhaste a maior onda que já tínhamos visto. Foi capa em todas as revistas», disse-me ele. Eu estava em casa da minha mãe, entre competições no Japão, onde já fizera nome. Tinha patrocinadores e a minha cara num cartaz em Tóquio e um futuro sorridente, algo que nunca sonhara vir a ser possível.

Wai-meia, uma baía abrigada na North Shore, é o berço do surfe das ondas grandes, o campo de provas para os surfistas de todo o mundo. É preciso uma enorme tempestade no Pacífico para criar as ondas gigantes que lhe dão fama. Eu descera de Pūpū-kea, para dar uma vista de olhos. A água de um verde-azulado parecia um lago, tão calma que até seria possível uma

aula de natação para crianças. Nenhum sonho se tornaria realidade naquele dia.

Duas semanas depois, a história seria outra. De manhã, as ondas não existiam, mas, por volta do meio-dia, os *swells* começaram a aparecer, um atrás do outro. Meio metro, dois metros, três. Agarro na minha prancha e desço para o meu ritual de Wai-meia, que passa por fumar uma boa broca atrás dos arbustos junto ao *spot* onde remamos para fora. Geralmente, faço isto sozinho, mas não me importo de partilhar com algum surfista que passe por ali. Depois, atravesso a areia com a minha prancha, paro diante das ondas e benzo-me numa adaptação muito minha da rotina de um acólito católico. É um ritual que mantenho até hoje, excetuando o charro.

Enquanto avançava, fiquei entusiasmado ao pensar que seria o máximo se conseguisse concretizar a profecia do meu amigo. Os *sets* sucediam-se com grande rapidez. Ondas daquelas que só se encontram uma vez na vida, faces com seis-nove-doze metros.

Apanho uma corrente até ao *lineup* e lá está o meu amigo. Trocamos acenos de cabeça. Quando passo a remar por ele, por todos, lá vem a onda de sonho. Só que não é um sonho.

Viro-me e remo o mais depressa que consigo, até ficar com os tríceps em fogo. Antes de os *spots* de ondas grandes como Pe'ahi (alinhado «Jaws») e Mavericks e Teahupo'o e Cloudbreak e Cortes Bank estarem na mira de toda a gente, Wai-meia era a preferida, uma queda a pique de cima a baixo.

O monstro empina-se atrás de mim e lá vou eu, bem agachado e concentrado. Estou a fazer a onda sem grande esforço. A sensação é boa e levanto-me, calmo e descontraído. Estou na minha prancha *Willis Brothers* de 9'6", grande, espessa, só com uma quilha. Quando começo a pensar que tenho a cena controlada, aparece à minha frente um grande *boil*, talvez a dez ou quinze metros, um círculo de água instável criado quando a onda passa por cima de uma irregularidade no fundo, geralmente uma rocha, um coral ou uma gruta. Numa fração de segundo,

estes *boils* podem transformar uma onda fabulosa num pesadelo. Em Wai-mea, nunca fazemos o *take-off* perto de um deles, a não ser que as ondas sejam enormes.

Quando o *nose* da minha prancha entra no *boil*, o *backwash* apanha-me o *rail*. De repente, estou a olhar para o Sol. Os meus pés perderam o contacto com a prancha, que está a cair por baixo de mim. A *leash*¹ puxa-me pelo tornozelo. Giro em pleno vazio. Agora, estou a ver a minha prancha a cair na cava, com a quilha virada para cima, e caio em cima dela, com a quilha entre duas costelas. A dor percorre-me o tronco. Olho para cima e vejo formar-se um tubo enorme – nunca vi um tão grande –, parece feito de vidro; segundos depois, sou engolido. Não me lembro de sentir medo. Deixo-me ir. Aguento a tarefa.

Sei uma coisa: a onda há de passar.

Venho à tona para respirar. Aquele monstro foi a primeira onda do *set*. Depois de ela me passar por cima, volto à superfície e respiro bem fundo; em seguida, preparo-me para mais duas coças. Finalmente, estou à tona. A minha prancha continua inteira, a *leash* ainda está presa ao tornozelo. Puxo a prancha, salto para cima dela e recomeço a remar para fora. Eufórico e cheio de gás, pronto para outra. Vou até ao *lineup*, sento-me e tusso sangue para a minha mão.

O meu amigo Kolohe Blomfield está de pé, atento. O Kolohe é um frequentador habitual muito respeitado na North Shore, agora um salva-vidas de longa data, e um tipo que eu admiro. Quando regresso ainda a tossir, ele vem ter comigo a correr. «Meu, nunca vi um *wipeout* como aquele.»

Penso que ele quer dizer que sou invencível, que aguento tudo o que o mar me puser à frente. Tenho 22 anos, 67 quilos, e estou exausto.

¹ A *leash*, ou *chop*, é o acessório que prende a prancha ao pé do surfista. Uma vez que o autor recorre ao termo *leash*, reservando a palavra *chop* para se referir à ondulação sujeita a ventos laterais que, como tal, não apresenta uma superfície regular, seguiu-se aqui o mesmo critério. (NT)

Não me dou ao trabalho de ir ao médico, muito menos de fazer radiografias, mas tenho a certeza de que fraturei uma costela. Mas, passado apenas uma semana, Wai-mea está outra vez a bombar, e decido que, se usar dois fatos, para conseguir mais um pouco de proteção e compressão, fico bem. Penso na onda que me açoitou. Tinha no mínimo seis metros e, naquela altura da minha vida, o meu objetivo era fazer um tubo daqueles. Esta deve ser a fantasia mais comum de qualquer surfista, a abrir dentro do tubo perfeito de uma onda, completamente fora de vista na nossa sala privada de vidro verde, onde o tempo parece parar. Era raro isto acontecer em Wai-mea, porque as ondas têm tendência a empinar-se, enrolam um pouco e depois fecham-se depressa, como uma concha. Em vez de se enrolarem na perfeição, como acontece mais abaixo em Pipeline, as ondas levantam-se e fecham-se de repente. *Bum*.

Largo a minha prancha na água e começo a remar para fora. Hoje, a prancha é mágica, ou assim pensei na altura, uma *Willis Brothers* branca de 10'0" e quilha única. Está um dia típico de inverno na North Shore, parcialmente nublado com vento forte *offshore*. Depositei toda a minha fé na minha invencibilidade e naquele fato suplementar que há de aguentar-me a costela partida. Não vejo as coisas como elas são: sou um idiota e não tenho qualquer respeito pelo poder do mar.

Quando chego à baía, as condições são perfeitas, as ondas limpas e transparentes. Fico a olhar por um instante, benzo-me e começo a remar. As ondas devem estar com cinco metros, grandes, mas não demasiado. Arranco. As ondas começam a duplicar. Isto é o que acontece quando as ondas são geradas por uma grande tempestade: os *swells* vêm tão depressa que a segunda se encavalita na primeira, criando o dobro da energia e duplicando a probabilidade de uma boa cava – as condições perfeitas para um tubo. Mas quando as ondas se encontram, a água torna-se mais pesada, o seu movimento é menos previsível. Estou a descer pela face da primeira onda quando esta se

duplica. Caio dois metros a pique no vazio antes de restabelecer o contacto com a onda. Segundos depois, nova queda no vazio, novo contacto com a onda, e agora estou no fundo e olho para cima: vejo a crista lá em cima, a começar a enrolar.

Parte da arte de conseguir um tubo passa por saber quanto tempo esperar, para que a crista da onda nos apanhe e nos cubra. Quando temos 22 anos e achamos que somos invencíveis, e estamos um pouco pedrados e lesionados, a nossa noção do tempo não é a melhor. Ou seja, sou um pouco maníaco, estou um pouco ansioso por me meter num tubo. Não espero, ou não espero o suficiente. Preparo-me, recorro a todas as minhas forças, viro-me para a onda. De repente, a minha prancha avança a direito e embico por completo. A água a esta velocidade é dura como betão, e eu vou a ressaltar pela superfície da onda como se fosse um seixo.

Enquanto caio, a prancha sai disparada de debaixo de mim. A crista da onda explode-me em cima dos ombros e da cabeça. Oíço o rugido abafado da rebentação. Debaixo de água, sinto qualquer coisa bater-me na nuca. A princípio, penso que encontrei uma rocha, mas por baixo de mim só há areia. A percepção de que acertei com os calcanhares na cabeça é acompanhada por uma sensação de náusea.

Estou debaixo de água e a levar uma coça, sem fôlego, com uma dor terrível nas costas. O mar leva-me à tona e, por hábito, engulo um pouco de ar. Há estrelas pretas e brancas na minha visão periférica, não sinto nada nas pernas. Depois, outra onda, e mais outra. Penso que devo ter ficado preso na rebentação, a zona de impacto onde não conseguimos nadar nem para fora nem para dentro. Estou simplesmente a flutuar, a minha prancha já era.

Por acaso, o Alec Cooke passa por mim a remar. Ele sabe o que é apanhar uma tarefa que nos deixa às portas da morte, e é famoso por ser largado de um helicóptero nos *swells* enormes do recife exterior. Muitos anos depois, em 2015, há de desaparecer

depois de uma sessão de surfe neste mesmo *spot*; nunca o encontraram. «Estás bem?», pergunta-me ele.

Não consigo falar. Faço um barulho que deve ter soado como o do animal mais ferido entre todas as criaturas de Deus, porque, sem pensar duas vezes, ele entrega-me a sua prancha e ajuda-me a voltar para a praia.

Aconteceu algo de grave, disso não restam dúvidas. O Jeff, que na altura arrendava um quarto em casa da minha mãe, está à espera na praia. Agarra-me no braço, ajuda-me a deitar. Junta-se uma multidão. Gente a perguntar se estou bem. A perguntar o que aconteceu. Todos a dizer que não conseguiam acreditar que eu não me tivesse afogado.

Berro com todos, que se vão embora, que me deixem em paz. Tenho tantas dores que não aguento tanta gente à minha volta, aquele coro de «Estás bem?» Digo ao Jeff: «As minhas costas. São as minhas costas.» Ele pega-me no braço e atravesso a praia aos tombos, com descargas de dor a descer-me pelas costas, pelas pernas, estrelas pretas e brancas, uma náusea intensa.

Eu tinha um velho *Volkswagen Rabbit* com um tejadilho envidraçado. Estava a precisar de uma transmissão nova. A alavanca das mudanças era manhosa e eu era o único ser humano capaz de a manejar. O Jeff tenta fazer alguma coisa com ela, mas não consegue. Sem saber como, consigo subir quilómetro e meio a pé até à casa da minha mãe em Pūpū-kea.

A minha mãe devia estar lá, mas não me lembro de a ver. Lá dentro, arrasto-me até à casa de banho. Encho a banheira até acima, agarro num *snorkel* e numa máscara, meto-me lá dentro e enrolo-me em posição fetal. Era a minha ideia de gestão da dor. Fiquei ali durante horas. A água acabou por ficar gelada e arrastei-me para fora da banheira, até à sala, onde me deixei cair no cadeirão.

Acordei bem cedo na manhã seguinte. Não comia nem bebia nada há quase vinte e quatro horas. Estava a contar que a dor desaparecesse depois de uma noite de sono, mas estava pior do

que nunca: facadas profundas. Não tinha dúvidas de que aquilo era grave, de que iria precisar de um médico. Quando estou ao telefone a explicar o que me aconteceu, desmaio e caio redondo no chão.

Por sorte, o Jeff estava lá para me amparar. Estou no chão, fico ali um minuto ou uma hora, confortado pela escuridão, abençoadamente sem dores. Nunca estive num lugar tão tranquilo. Não me apetecia voltar. De repente, oiço o meu irmão Liam gritar e dizer o meu nome. A voz dele desperta-me, mas, ao recuperar a consciência, a dor acompanha-me, e penso: «Ah, não; neste lugar não, esta dor não.»

Lentamente, percebo que posso não voltar a surfar.

PARTE I



Um retrato de família,
tirado pouco depois da mudança para o Havai em 1978.
O autor (em baixo, à direita) com a sua mãe, Malia (em cima, à esquerda);
Daryl, o seu padrasto na altura (em cima, à direita);
e o seu irmão, Liam (em baixo, à esquerda).
(Cortesia do autor)

O MESTRE DA FUGA

Estamos em 1969 e eu já estou a acelerar, em frente, a correr caminho abaixo, ainda de fraldas. Os calcanhares batem no chão duro. O vento sopra à minha volta. As folhas restolham lá em cima. Livre. Quando ninguém estava a olhar, escapei-me do meu carrinho e fugi da sala de refeições do *campus*; saí pela porta da frente e atravessei o recinto da escola. Um cão vem ter comigo e segue ao meu lado.

A minha mãe, Malia, que na altura dava pelo nome de Debbie, garante-me agora que nunca houve nenhum cão, mas na minha memória havia, sim. Era uma cadela, a *Jenny*. Chegámos à estrada, virámos e começámos a avançar pela berma de areia. Eu talvez tivesse 18 meses. Isto faz parte das histórias de família. Não me lembro de nada, a não ser de uma sensação geral de que, sendo ainda um bebé de fraldas, já sentia vontade de me fazer ao mundo.

Nasci em Stockbridge, o famoso colégio interno progressista, a pouco mais de um quilómetro do festival de música de Tanglewood, no oeste do Massachusetts. Era um colégio internacional, inter-racial e misto, baseado nos ideais da Carta das Nações Unidas. O meu pai, Laurence, ensinava Inglês e Latim, e era também treinador de basquetebol. A minha mãe, Malia, era a supervisora do dormitório masculino.

Fui um bebé do Verão do Amor, nascido a 10 de agosto de 1967. Faltavam alguns meses para que a épica balada de contracultura *Alice's Restaurant* fosse editada, escrita pelo aluno mais

famoso de Stockbridge, Arlo Guthrie, sobre a sua detenção por deitar lixo para o chão no Dia de Ação de Graças. A Alice era bibliotecária em Stockbridge antes de abrir um restaurante.

Entre os seus diversos deveres, a Malia também supervisionava a sala de refeições. Ricos ou bolseiros, os alunos tinham tarefas, entre elas pôr e levantar a mesa depois das refeições, lavar a loiça e limpar a cozinha.

Eu era o único bebé no recinto. Durante o dia, os alunos e os professores paravam para olhar para mim, preso no meu carrinho. Gostavam de me abanar os pés, fazer-me cócegas na barriga, dizer: «Olá, bebé, então?» Para mim, o mundo era um lugar simpático e amistoso.

No dia em que me fiz à estrada, a Malia tinha-me deixado perto da porta da sala de refeições para que ela, ou alguém que passasse por ali, me fosse dando uma vista de olhos. O estilo de maternidade da Malia era bastante descontraído. Saiu da sala ou distraiu-se a conversar com um aluno, ou deixou de me prestar atenção. Vi ali a minha oportunidade e não perdi tempo.

Fui berma fora até que um carro da Polícia parou ao meu lado. Muito provavelmente, era o mesmo agente que prendera o Arlo alguns anos antes. Agarrou-me por baixo dos braços. Capturado. Sentaram-me numa cadeira dura na esquadra. O agente fez uns telefonemas e acabou por falar com alguém em Stockbridge. Alguém dera pela falta de uma bebé?

Tinham-se fiado na aparência dos meus caracóis loiros.

A mulher que atendeu o telefone na secretaria localizou a minha mãe, que olhou para o meu carrinho e confirmou que eu desaparecera.

«Diga-lhes para verificarem a fralda», disse ela. «Só pode ser o Garrett.»

O agente levou-me de volta e deixou-me nos braços da minha mãe. Ela estava mais divertida do que outra coisa qualquer. Eram os tempos que se viviam, e ela era esse tipo de mãe.